

16 - NEWTON GONÇALVES

CADEIRA Nº 16
PATRONO: FRANKLIN TÁVORA

NEWTON GONÇALVES

NEWTON Teófilo GONÇALVES, filho de Bento Lousada Gonçalves e de Maria Luísa Teófilo Gonçalves, nasceu em Fortaleza, no dia 17 de setembro de 1917. Depois do curso primário em escolas particulares, fez o curso secundário no Liceu do Ceará, e se diplomou em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (1939). Segundo Raimundo Girão e Maria da Conceição Souza, em seu ***Dicionário da Literatura Cearense*** *(1987), "Fez curso de Especialização na Clínica Cirúrgica do Prof. A. Brandão Filho, Rio; idem, de Anatomia Patológica do Prof. J. de Castro, Rio; idem, de Anatomia Patológica da Tuberculose do Prof. O. Cartaxo, Fortaleza; idem, de Didática do Ensino Médico, Fortaleza (1971); idem, da ADESG, Fortaleza (1971); idem, de Administração Universitária (MSU, Michigan, USA, 1977). Ministrou diversos cursos e ocupou as funções de Professor Titular do Departamento de Cirurgia da UFC e as de Médico do Ministério da Marinha. Foi Vice-Reitor* ***pro-tempore*** *da Universidade Federal do Ceará e Membro do Conselho Universitário respectivo. Pró-Reitor de Extensão da UFC; Diretor da Faculdade de Medicina do Ceará; Vice-Diretor para Assuntos Culturais da UFC; Professor da Clínica Cirúrgica da Universidade Federal do Ceará; Presidente da Comissão de Coordenação de Bolsas de Estudos da UFC; Coordenador dos Centros de Cultura, idem; Membro do Conselho Técnico Administrativo da Faculdade de Medicina; Chefe do Departamento de Cirurgia do Sanatório de Maracanaú; Chefe de Clínica Cirúrgica (mulheres) do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza; Chefe do Serviço de Cancerologia Fernando Pinto, neste referido Hospital; Cirurgião (credenciado) do INAMPS; Presidente do Centro Médico Cearense; 1º Presidente do Conselho Regional de Medicna do Ceará; 1º Presidente da Secção Cearense do Colégio Internacional de Cirurgia; Secretário dp Centro Médico Cearense, e muitas outras instituições medicas de relevo." Transcrevemos apenas metade do ver-*

bete dedicado a Newton Gonçalves no citado dicionário e mesmo assim deixamos de atender ao desejo do acadêmico, para quem todas essas atividades, "hoje arroladas na categoria dos Ex-", já não se revestem do encanto primitivo, chegando a revelar, em carta ao organizador desta Antologia: "Quanto ao meu Currículo já não tenho qualquer vaidade em reproduzi-lo, como outrora." Newton Gonçalves recebeu várias condecorações, sendo portador da Medalha da Abolição, do Governo do Estado do Ceará; da Medalha Barca Pelon (Mérito de Saúde — Ceará); da Medalha do Mérito Naval, 2ª Classe, concedida pelo Governo da Espanha; da Grã-Cruz do Mérito da República Federal da Alemanha; da Comenda do Centro Médico Cearense; da Medalha Jurandir Picanço; da Medalha Barão de Studart, etc. É Membro Honorário da Academia de Medicina Militar e da American Medical Association, sendo também Membro Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Sociedade Brasileira de Cardiologia, ainda segundo o dicionário citado. Obras publicadas: ***Louvação dos Bichos*** *(1972),* ***Presença de França*** *(1973),* ***Discursos Acadêmicos*** *(1975),* ***Aula da Saudade*** *(1977) e* ***Molière*** *(1978), sem falar de inúmeros artigos estampados na imprensa de nossa terra, como o ensaio "A Propósito da Medicina dos Brasis", na revista* ***Clã*** *nº 10 (1950), "O Precoce, Delicado e Triste Hugo von Hofmannstahl", na* ***Revista da Academia Cearense de Letras*** *nº 36 (1975). "Ilha da Canção", na mesma revista no nº 44 (1983), "Grandes Homens Mal Tratados", no nº 46 (1985-6), e "Alencar Visto de Bonn", no nº 47 (1987-8). Traduziu do alemão os livros* ***Embolia Gordurosa*** e ***Hérnia de Hiato,*** *do Prof. G. Bottger. Tem prefaciado várias obras literárias, como, entre outras,* ***Estrutura Desmontada*** *(1972), de F. S. Nascimento. Lúcio Alcântara, depois de afirmar que o "alto nível de erudição e conhecimento por ele alcançado decorre de inteligência privilegiada nutrida por conhecimentos adquiridos através do hábito do estudo", diz, fazendo justiça ao acadêmico: "a produção cultural de Newton Gonçalves é abundante e de boa qualidade; embora dispersa, pois o autor até então está por condesá-la em livro. (...) A multiplicidade dos assuntos por ele abordados demonstra à saciedade a vastidão de seus conhecimentos e a universalidade de seus interesses. Todos os temas são tratados com a profundidade de quem domina a matéria, e de modo elegante e conciso, à maneira dos melhores estilistas." — Newton Gonçalves faleceu em Fortaleza, no dia 31 de maio de 1994.*

CIÊNCIA & LITERATURA

Neste século, a superabundância de livros é quase desalentadora. Sob o impulso do "publish or perish", desencadeado pela caça aos títulos universitários, as publicações saturaram a capacidade humana de leitura, comprometendo a sua função de meio universal de aprendizagem. Sertillages (A.D.) dirigiu-se aos trabalhdores intelectuais com o seguinte conselho, à primeira vista paradoxal: "Lede pouco!" *

Na área científica, repetem-se textos e textos, (às vezes até os erros), para desespero dos investigadores obrigados a fastidiosas e, não raro, improdutivas revisões bibliográficas.

Entre os humanistas, um pensamento original se esconde debaixo de um milhão de palavras ou é deformado por interpretações superficiais em linguajar abstruso que assegura o hermetismo prestigioso da idéia.

Face à massa enorme dos livros o autodidata é presa fácil das leituras desordenadas, que tomam tempo à reflexão criadora.

Precisamente no dia 14 de setembro de 1942, durante a grande guerra que devorava o futuro de minha geração, um excelente artigo de Moniz Barreto (na *Revista de Portugal*) me atraiu aos estudos literários.

Desapercebido de conhecimentos teóricos fundamentais, passei a arrolar os autores que me serviriam de guias. Rapidamente cresceu a minha lista e logo arrumei material para anos de leitura assídua e exclusiva, o que não seria possível nas condições do meu exercício profissional de médico.

Claro, abandonei por completo a idéia; mas, não escapei ao demônio das letras, do qual nem o carão do nosso "poeta satânico", me conseguiu exorcizar...

De tudo restou-me a convicção de que a literatura teórica é assunto muito sério, exigindo especialização profunda e

---

* As 324 páginas da tradução brasileira do livro de Wellek-Warren (*Teoria da Literatura*) contém cerca de 540 anotações bibliográficas ao pé das páginas; 830 num apêndice e um rol de 1.100 nomes próprios alguns dos quais, como Shakespeare, mencionado 56 vezes!

aperfeiçoamento constante para evitar o diletantismo que, embora "útil ao gozo e ao enriquecimento do espírito", termina pelo que Gilberto Amado convencionou chamar de "amielismo", devorador de "bons talentos e capacidade certa".

Aproveitarei esta ocasião para dizer o que penso a respeito das diferenças essenciais entre ciência e literatura; mas, sem qualquer pretensão axiológica, até porque as ciências e as humanidades devem andar de braços dados, para proporcionarem ao homem-indivíduo a cultura total imprescindível à sua missão civilizadora.

Nunca fiz da literatura uma atividade criativa.

Faltou-me sempre a necessária "exaltação interior e o coração intacto". Leio, leio muito à procura de um conhecimento pessoal, de base emotiva.

Descompromissado doutrinariamente, aceito a literatura como uma impressão de vida, através do uso estético da linguagem.

Literatura e Ciência, ambas se comunicam pela linguagem. A diferença está em que a literatura purifica a linguagem para revelar os estados íntimos do espírito, para fazer que os outros participem do que temos dentro de nós.

Escritores houve que para isso lançaram mão do ópio (De Quincey, Coleridge) e da mescalina (Huxley), do álcool ou do LSD, pensando assim libertar a atividade do subconsciente ou apenas racionalizar um vício...

Joyce não precisou das drogas, no *Ulisses*...

(Ionesco definiu o literato como aquele que diz em voz alta o que os demais dizem a si mesmo ou murmuram). Na linguagem literária há mais intuição do que compreensão; mais imagem do que conceito. Na poesia, por exemplo, a comunicação pode vir antes da compreensão, como disse T. S. Eliot.

A ciência usa uma linguagem de finalidade e de utilidade, expurgada de imagens, perseguindo a precisão dos conceitos e para alcançar isto pode utilizar formas especiais, como vocabulário técnico (jargão científico) ou as fórmulas matemáticas, que têm algo de poético em sua condensação.

Ezra Pound lembra que o substantivo germânico "Dichtung" (poesia) tem como verbo correspondente "dichten" (condensar). A linguagem poética é realmente uma forma condensada de expressão; mas, o seu ilogismo não marca passo com a

matemática.

Vale aqui lembrar a previsão de Gilberto Amado, para quem a literatura moderna "vai ser apenas condensação... há de por força reduzir-se a uma anotação precisa e aguda, dos mais vastos sentimentos".

Não me parece seja a condensação uma apanagem da literatura moderna. Os grandes escritores sempre foram os mais econômicos no uso das palavras.

Quando o Dr. Johnson diz que "o poeta nunca deve contar as riscas da tulipa", está condensando numa linha as setenta e cinco que Huxley escreveu para demonstrar a diferença de comportamento do cientista e do literato diante de uma flor.

Os versos de William Blake:

"To see a world in a Grain of Sand
And a Heaven in a Wild Flower
Hold Infinity in the palm of your hand
And Eternity in an Hour"

resumem as atividades do artista literário. Entre o feitio científico e o dom de expressão artística por meio da palavra não há incompatibilidade: um se prende à necessidade lógica e externa ao espírito que pesquisa o descobre; o outro seria o jogo livre da imaginação.

O que é necessário é que a linguagem literária e a linguagem científica atinjam àquele grau de purificação exigido pelos objetivos de cada uma. Expressar bem as idéias, eis o segredo da boa literatura e da boa ciência.

A obra de Harvey, o famoso manual de Claude Bernard, o conhecido tratado de Patologia Cirúrgica de Dieulafoy, modelos de literatura científica, primores de forma literária, me convenceram disto.

Enquanto o grau de pureza satisfaz à comunicação nos dois terrenos, nada impede que Euclides figure na História da Literatura grega ou que os filósofos, até o século 19, ainda se encontrassem nas páginas da História da Literatura francesa.

O emprego isolado dos métodos objetivos das ciências naturais (analogia, indução, dedução) nos estudos literários é abusivo. A ciência é nomotética. A literatura idiográfica. Mas, as ciências (particularmente a genética, a fisiologia, a bioquímica e a

psicologia) já têm muito que dizer para compreensão do nosso temperamento, fornecendo matéria-prima valiosa para a fantasia, facilitando a revelação de nossa vida interior e ampliando a cultura geral do homem de letras.

Não atino como, mas, Coleridge (S. T.) disse que aumentou o seu arsenal de metáforas seguindo as lições de química professadas pelo amigo Davy (H.), aliás, um poeta frustrado.

A presença de tantos médicos na literatura faz pensar numa influência positiva das ciências naturais através dos elementos dados ao escritor para reforçar a sua criatividade.

A obra literária, contudo, é capaz de sobrepor-se ao seu eventual conteúdo científico e, não raro, a forma é a única razão de ser de sua perenidade.

O Monteiro Lobato irreverente aponta alguns escritores clássicos "vazios de idéias como potes sem água" (diz ele); que "ainda vivem pela língua em que puseram as suas sensaborias"...

Alguns livros de literatura clássica são ricos em conhecimentos científicos da época em que foram escritos; mas o obsoletismo deles não impede continuem contemporâneos de todas as idades. São obras de gênio!

Ainda hoje recomendaria com fervor aos meus amigos psiquiatras a obra completa de Shakespeare, de onde pode respirar matéria médica para um livro de muitas páginas.

Não fossem os preconceitos culturais e a distorção das controvérsias sobre o mérito das obras literárias de países diferentes (vg. prestígio da literatura fancesa ou alemã sobre a literatura latino-americana) ou de vários autores, — em comparações até certo ponto injustificáveis; contentar-me-la em considerar a crítica como impressão da obra literária.

Literatura, impressão de vida.

Crítica, impressão de literatura.

Assim não me surpreenderia que Dwight Mac Donald apresentasse o meu apreciado *O Velho e o Mar* como produto típico de medicultura. Nem me confundiriam as opiniões de Ezra Pound sobre Shakespeare e Milton, assim como não me escandlizaria que Giorgio Chirichio considerasse as pinturas de Cézane, Manet e Picasso de menor valor que o pano em que pintaram seu quadros famosos! *De gustibus non est disputando*...

Mas, as impressões enganosas, sobretudo as primeiras impressões, só as corrigimos usando critérios científicos; isto é,

isolando o trabalho literário, observando-o intensamente, conhecendo os elementos fundamentais de sua estrutura, procurando reconstruir as condições de aparecimento da obra, tudo iluminado pela sensibilidade do crítico, que ainda é o fulcro da avaliação artística.

O dito se aplica particularmente à poesia, a forma de criação literária mais difícil de julgar, pois exige o domínio total da língua do poeta. Uma vogal a mais ou uma consoante a menos, e o poema estará irremediavelmente comprometido, em sua vernaculização e na sua mensagem.

Por isso mesmo, é intraduzível.

Não me contradigo. É que o processo crítico literário tem dois aspectos distintos e complementares: um científico e outro estético.

Pela ciência o homem se torna inventor de fenômenos, um contramestre da criação, como dizia Claude Bernard.

Cientistas e literados, *homo faber, homo scriptor,* ambos não prescindem da imaginação, faceta comum ao pesquisador da natureza e ao investigador da alma humana.

Quanta gente passa a vida em laboratórios e jamais descobriu nada? São "les savants bêtes" já referidos por Victor Hugo.

Compreender e apreciar são dois momentos de um mesmo processo. Descrever os elementos da obra literária e explicar as suas condições é tão necessário como querer apreciar a sua harmonia interior, avaliando-a em sua correspondência externa.

A crítica de obra científica só pode ser feita através do método científico, experimental. A cosmologia de Dante é toda falsa; mas, a *Divina Comédia* ainda não perdeu as suas características de monumento literário. Posto que Ciência e literatura sejam aspectos da reflexão humana, não se deve esquecer que a primeira revela uma coisa que o cientista propriamente não criou.

A harmonia do Universo, a força contida no núcleo não são criações de Newton ou de Einstein. O cientista não sabe explicar as coisas primárias, nem as finais, detendo-se exclusivamente na faixa onde os fenômenos se apresentam demonstráveis pela experimentação. Quando desejamos escapar ao aniquilamento da dúvida, que esta é, também, um dos ingredientes ativos do progresso científico, recorremos à filosofia ou à religião.

A obra literária como qualquer criação artística não preexiste em sua forma particular, nem serve, como a científica, de elemento de generalização. O grau de generalização é uma das medidas da verdade científica. O ciúme de Otelo será o mesmo que está descrito no livro *Ciúme*, de Guzmán? Fausto era lenda correntia na Europa. Haverá outro igual ao do poeta Goethe? O amor, o ódio, o sofrimento não se revelam ao microscópio, nem podem ser manipulados nas retortas. Cada qual ama, odeia ou sofre diferentemente. Talvez só a felicidade e a alegria tenham um denominador comum de representação.

Cada um de nós, ao chegar "nel mezzo del camin", já experirmentou todos os sentimentos.

Fixá-los nas páginas de um romance ou nos versos de um poema quem o fez com mérito de ser lido?

Não há receitas para criação literária. Quando muito existe na literatura uma assimilação inconsciente dos estilos. Li todas as Cartas de Rilke a um Jovem Poeta... e continuo incapaz de rimar coração com paixão.

No processo de criação literária, não ler muito talvez seja um bem.

O literato não tem condições de repetir experimentalmente os fatos de sua imaginação, embora, às vezes, a vida imite a arte, na frase batida de Wilde, ou possa transmiti-los de forma a criar no espírito do leitor o mesmo clima das sensações vividas. E não se dispensa que o leitor tenha um mínimo de afinidade com o autor, no plano das raízes de sua criação.

A poesia mórbida, quase diria, escrita no mármore das mesas de necropsia, de Gottfried Benn — médico e patologista — talvez seja muito mais real para mim, que guardo na memória a visão triste das morgues, do que para os meus amigos engenheiros ou economistas.

A criação literária transcende a verdade científica e a beleza da forma é, não raro, todo o seu conteúdo.

O cientista lida com um mundo físico do qual é observador e analista. Os literatos se preocupam com um mundo à parte, "the world in which they love and hate, in which they experience triumph and humiliation; hope and dispair, the world of sufferings and enjoyments of madness and common sense"...

As palavras de Thomson (A.) esclarecem melhor o problema: "O cientista descreve os fatos impessoais da experiência em

termos que sejam verificáveis, exatos, simples e complexos. No seu universo do discurso atém-se ele a termos experienciais ou derivados verificáveis destes termos. Consiste a ciência em formulações descritivas, não em explicações interpretativas das coisas."

O cientista é um escravo de um "verbal caution" — (suas palavras podem ter um significado, sua linguagem é instrumental); o literato goza de "verbal impudence", sua língua é um fim em si mesmo e se caracteriza "by deeping and extending, by enriching with allusive harmonies, with overtone of associations and undertones of sonorous magic".

O homem da ciência observa e analisa fenômenos para deduzir os princípios de causalidade que regem a natureza, estabelece "uma fórmula geral, uma lei ou com maior freqüência, a subsunção de uma nova série de fatos sob uma velha lei". Ele não cria o fenômeno, como disse; apenas o reproduz em condições de similitude, para materalização e afirmação de suas teses, de suas hipóteses. O que torna científico um estudo não é a natureza da coisa estudada; mas, o método com que a gente dela se ocupa. Repetindo o Dr. Johnson: "o poeta nunca deve contar as riscas da tulipa"...

Mas, em que pese à singularidade de suas criações, o literato não é um ser isolado de seu ambiente histórico e social e mesmo científico, alheio ao longo processo evolutivo da vida.

É forçoso admitir que as criações artísticas serviram a uma necessidade espiritual do homem ou refletem instantâneos de um processo cultural.

Cientistas e literatos, embora por caminhos e métodos diferentes, ambos procuram interpretar o homem e o seu universo.

Nada impede, portanto, que alguns instrumentos da ciência sejam utilizados para analisar a obra literária, tudo, repito, à luz dos sentimentos estéticos que preservam os valores humanos da poluição tecnológica.

Entre os instrumentos que poderiamos considerar científicos, o mais eficiente, no caso, parece ser o estudo da teoria literária que visa descobrir e interpretar o valor da obra literária. É a grande arma do crítico, que, embora nada tenha criado, deseja compreender o processo de elaboração artística da obra alheia e interpretá-la, em conseqüência, através de princípios que encontram paralelo nas generalizações de expressão e de pensamento que

caracterizam o livro de ciência.

A crítica atual se internacionalizou e revolucionou seus métodos a ponto de ameaçar pôr em cheque os critérios puramente estéticos.

Ficando nos pormaiores, lembro o aparecimento da crítica marxista, da crítica psicanalista, da crítica mítica, de base antropológica, e da crítica existencialista.

A simples enumeração dessas correntes demonstra a complexidade do problema. A obra literária quase deixou de ser uma entidade estética, para transformar-se em objeto de estudo de várias especialidades.

A obra se refletia na sensibilidade do crítico. Agora o crítico penetra a obra, com o escalpelo de sua formação cultural ou filosófica para julgá-la na medida em que sua forma se adapte a uma forma.

Exemplo típico, encontramos na crítica marxista ortodoxa, crítica política, crítica de partido único, da era estalinista.

Arnaldo Saraiva, prefaciando Poemas de Brecht, disse que "a literatura deixou de poder ser inocente... já não é o belo "reflexo" de uns tantos simplistas, a "mimesis" de Auerbach, a "homologia" de Goldmann"...

Chego a pensar que o crítico de rodapé dos suplementos literários é uma figura histórica. Alguns são meros noticiaristas de livros, arautos dos dez mais vendidos na mesma semana, forma comercial de encarneirar o gosto das gentes e dar razão mais rápida às edições.

O que existe hoje são marxistas, psicanalistas de várias tendências, antropólogos, psicólogos, existencialistas e até literatos que fazem da crítica um exercício de aplicação de suas especialidades cada dia mais limitadas em extensão.

Sendo assim, onde se encontra a beleza da obra literária? Onde se escondem as estrelas, de que falava a mãe de Gabriela Mistral?

Será necessário (ou possível) fazer uma crítica polivalente, com risco de desarticulação da criação artística? Northrop Frye escreveu uma anatomia da crítica (*Anatomy of Criticism*). Confesso que não li o livro; mas, não seria mais adequado (aqui vai a opinião do médico) uma "Fisiologia da Crítica", sugerindo mais dinamismo no processo?

Não será melhor deixar margem aos pronunciamentos

arbitrários do gosto, reabrir uma "bolsa de valores imaginária"?

Na minha ignorância, assalta-me às vezes uma dúvida: será lícito criticar uma obra literária?

É possível corrigir as concepções ptolomaicas e dizer que a verdade está com Galileu.

Qual o poeta de hoje que se aventuraria a corrigir Horácio?

Existirá, como em biologia, uma evolução natural de literatura?

Não será ousadia condenar um livro em nome dos pósteros, deixando de reconhecer que a obra do gênio — repito — é contemporânea de todas as idades? A gramática, a retórica, a estilística servirão de regras de avaliação permanentes, como uma experiência o é para demonstração de um fenômeno científico?

Não pensem jamais que minha ignorância ousaria considerar a teoria literária um assunto pretensioso. Dentre as disciplinas que constituem o currículo de literatura — Teoria Literária, Crítica e História da Literatura — penso que as duas primeiras poderiam até ser englobadas no mesmo objetivo; mas, se falarmos em termos de trindade, a Teoria Literária é certamente a pessoa verdadeira.

Cursos como este têm o grande mérito de desenvolver a capacidade de análise do crítico, de ensinar a interpretar o mais corretamente possível o sentido das palavras e de revelar a beleza que se encerre na obra de criação literária como um todo. Concorrem para sistematizar e ordenar os diversos aspectos dos nossos pensamentos.

É este sentido totalizante que deverá ressaltar ao fim de qualquer obra de análise, seja literária, seja científica. Para compreensão desse todo cooperam igualmente cientistas e literatos.

Oxalá, um dia se invertam certas prioridades abusivas e que, dominada a natureza pela ciência, possa o homem, como já fez o seu ancestral quadrúmano, erguer-se no plano humanístico e dominar-se a si mesmo.

Texto fornecido pelo autor.